LA GÉOGRAPHIE CULTURELLE
COURS DE L'UNIVERSITÉ DE
PARIS IV – SORBONNE (1994-1997)
JOËL BONNEMAISON
PARIS, ÉDITIONS DU C.T.H.S., 2000, 152 PÁGINAS

Muito oportuna foi a publicação dos apontamentos das aulas, organizados por duas estudantes, Maud Lasseur e Christel Thibault, dos cursos que Joël Bonnemaïson (1940-1997) proferiu na Sorbonne entre 1994 e 1997. Resgata-se, assim, o pensamento de uma dos mais importantes geógrafos culturais franceses da atualidade, falecido em plena maturidade intelectual em Nouméa, em uma das ilhas do Pacífico, área a que ele dedicou grande parte de suas pesquisas.

O livro está dividido em três grandes partes que se reportam a questões fundamentais da geografia cultural. Trata-se de reflexões a respeito de um campo da geografia que recentemente se renovou e para a qual a longa experiência de Bonnemaïson em Madagascar, Nova Caledônia e Vanuatu, em outros contextos culturais, certamente muito contribuiu. É destes contextos que o autor retira inúmeros exemplos que ilustram as suas assertivas.

A primeira parte aborda a renovação da geografia cultural, questão que na década de 1980, e ainda na década seguinte, polarizou muito dos debates internos à geografia cultural. As três bases da geografia humana contemporânea – a escola alemã de geografia cultural, Paul Vidal de la Blache e a geografia cultural americana – são discutidas em primeiro lugar, seguindo-se a discussão sobre os trabalhos que se dedicaram ao estudo de regiões culturais, nos quais a ênfase é dada aos geógrafos tropicalistas, particularmente Pierre Gourou.

Bonnemaïson encerra a primeira parte discutindo a visão da geografia humana como uma geografia das representações, na qual as representações da realidade são mais importantes do que a própria realidade. Os ícones e geo-símbolos, como expressões do espaço cultural, são discutidos, assim como é estabelecida a comparação entre espaço vivido e espaço cultural.

A paisagem, numa perspectiva renovada, encerra a primeira parte do livro. São identificados quatro modos pelos quais a paisagem pode ser considerada: paisagem como quadro de vida, paisagem como patrimônio, associada à memória coletiva, paisagem como recurso e, finalmente, paisagem como elemento identitário. Desta forma, a natureza polissêmica do termo paisagem é ampliada, enriquecendo as possibilidades de interpretação, dessa materialidade cultural que é a paisagem.

Na segunda parte do livro, Bonnemaïson discute os significados dos termos cultura e civilização. O termo cultura é analisado em sua evolução etimológica e em seus usos nas ciências sociais. Adquirida e transmitida, a cultura constitui um complexo de aspectos integrados que inclui desde os objetos materiais mais simples ao pensamento mais elaborado.

O termo civilização, por sua vez, é compreendido como uma grande síntese, englobando grandes conjuntos sociopolíticos, culturais e econômicos. Deve ser concebida em grandes espaços e segundo uma longa duração.

A terceira parte, finalmente, aborda inicialmente o sistema cultural, um conjunto integrado de características indissociáveis entre si, que apresenta quatro pólos distintos: os saberes, as técnicas, as crenças e o espaço. Assim, uma cultura constitui um patrimônio de saberes, um certo conhecimento do mundo. Possui também um patrimônio técnico, que inclui o modo como os objetos materiais são produzidos, envolvendo os instrumentos de trabalho, os sistemas agrícolas e a forma dos campos. As crenças constituem o terceiro pólo, de onde emerge a visão de mundo de uma dada cultura, com suas representações, mitos, geo-símbolos e memória.

O quarto pólo é o espaço, que recebe de Joël Bonnemaïson uma maior ênfase. "As culturas são construídas no espaço" [p. 95], afirma ele, em comum com outros geógrafos e não-geógrafos. O papel do espaço é múltiplo, assim como é da relação espaço e cultura que se formam as regiões culturais.

A organização dos elementos da cultura é apresentada a seguir. Os elementos, materiais

ou não, integram-se em complexos culturais como uma língua, um ciclo ritual, um conjunto de comportamentos, uma paisagem e um mito. Elementos, complexos culturais, uma cultura, têm uma espacialidade, podendo-se falar em espaço cultural, no qual Bonnemaïson distingue o foco original, a região cultural um domínio cultural (*air culturelle*), que congrega várias regiões culturais, e mundo cultural, envolvendo civilizações: este mundo cultural está organizado de dois modos, em rede e em áreas contíguas.

Finalizando a terceira parte, o autor considera a cultura como um processo, no qual intervêm a descoberta, a invenção, a inovação, a difusão e a evolução. Uma seção desta última parte é dedicada à discussão da relação entre culturas e sub-culturas.

Nas conclusões o autor focaliza o conceito de território, que vê como, por intermédio dos lugares e geo-símbolos, a base espacial da identidade de um grupo cultural.

O pequeno livro de Joël Bonnemaïson representa, ao lado do livro de Paul Claval, *Geografia Cultural*, traduzido e publicado pela EDUSC em 1999 (original de 1995 em francês), a visão recente de uma perspectiva preponderantemente derivada da Escola francesa de geografia, que enriquece a geografia por intermédio de uma abordagem cultural.

Roberto Lobato Corrêa
Departamento de Geografia/UFRJ